Obrigações do Espiritismo

O Espiritismo é uma ciência essencialmente moral. Então, os que se dizem seus adeptos não podem, sem cometer uma grave inconsequência, subtrair-se às obrigações que ele impõe.

(Revista Espírita, Paris, abril de 1866 – Médium: Sra. B…)

*[grifos nossos; **leia até o fim**]*

Essas obrigações são de duas ordens.

A primeira concerne o indivíduo que, ajudado pelas **claridades intelectuais que a doutrina espalha**, pode melhor compreender o valor de cada um de seus atos, melhor sondar todos os refolhos de sua consciência, melhor apreciar a infinita bondade de Deus, *que não quer a morte do pecador mas que ele se converta e viva*, e que para lhe deixar a possibilidade de erguer-se de suas quedas, lhe deu a longa série de existências sucessivas, em cada uma das quais, levando o peso de suas faltas passadas, ele pode adquirir novos conhecimentos e novas forças, fazendo-o evitar o mal e praticar o que é conforme à justiça e à caridade. **Que dizer daquele que, assim esclarecido sobre os seus deveres para com Deus, para com os irmãos, permanece orgulhoso, cúpido, egoísta**? Não parece que a luz o tenha enceguecido, porque não estava preparado para recebê-la? Desde então marcha nas trevas, embora esteja em meio à luz. **Ele só é espírita de nome**. A caridade fraterna dos que veem realmente, deve esforçar-se por curá-lo dessa cegueira intelectual. Mas, para muitos dos que se lhe assemelham, será necessária a luz que o túmulo traz, porque seu coração está muito ligado aos prazeres materiais e seu espírito não está maduro para receber a verdade. Numa nova encarnação compreenderão que os planetas inferiores, como a Terra, não passam de uma espécie de **escola mútua**, onde a alma começa a desenvolver suas faculdades, suas aptidões, para em seguida aplicá-las ao estudo dos grandes princípios da ordem, da justiça, do amor e da harmonia que regem as relações das almas entre si e as funções que elas desempenham na direção do Universo. Eles sentirão que, chamada a uma tão alta dignidade, qual a de se tornar mensageira do Altíssimo, a alma humana não deve aviltar-se, degradar-se ao contato dos prazeres imundos da volúpia; das ignóbeis tentações da avareza que subtrai a alguns filhos de Deus o gozo dos bens que ele deu para todos;

compreenderão que o egoísmo, nascido do orgulho, cega a alma e a faz violar os direitos da justiça, da humanidade, porquanto ele engendra todos os males que fazem da Terra um lugar de dores e expiações. Instruído pelas duras lições da adversidade, seu espírito será amadurecido pela reflexão, e seu coração, depois de ter sido ralado pela dor, se tornará bom e caridoso. É assim que aquilo que nos parece um mal, por vezes é necessário para reconduzir os endurecidos. Esses pobres retardatários, regenerados pelo sofrimento, esclarecidos por essa luz interior que podemos chamar de batismo do Espírito, velarão com cuidado sobre si mesmos, isto é, sobre os movimentos do seu coração e o emprego de suas faculdades, para dirigi-los conforme as leis da justiça e da fraternidade. **Eles compreenderão que não são apenas obrigados, eles próprios, a se melhorarem, cálculo egoísta que impede o atingimento do objetivo visado por Deus, mas que a segunda ordem das obrigações do espírita, que decorre necessariamente da primeira e a completa, é a do exemplo, que é o melhor meio de propagação e renovação.**

Com efeito, aquele que está convencido da excelência dos princípios que lhe são ensinados e que devem, se a eles conformar a sua conduta, proporcionar-lhe uma felicidade duradoura, não pode, se estiver verdadeiramente animado dessa caridade fraterna que está na própria essência do Espiritismo, senão desejar que sejam compreendidos por todos os homens. Daí a obrigação moral de conformar sua conduta com a sua crença e de ser um exemplo vivo, um modelo, como o Cristo o foi para a Humanidade.

Vós, fracas centelhas oriundas do eterno foco do amor divino, certamente não podeis pretender uma tão vasta radiação quanto a do Verbo de Deus encarnado na Terra, **mas cada um, na vossa esfera de ação, pode espalhar os benefícios do bom exemplo**. Podeis fazer com que a virtude seja amada, cercando-a do encanto dessa benevolência constante que atrai, cativa e mostra, enfim, que a prática do bem é coisa fácil; que gera a felicidade íntima da consciência que se colocou sob sua lei, pois ela é o cumprimento da vontade divina que nos fez dizer, por intermédio do seu Cristo: *Sede perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito.*

Ora, o Espiritismo não é senão a aplicação verdadeira dos princípios da moral ensinada por Jesus, porque não é senão com o objetivo de fazê-la por todos compreendida, a fim de que por ela todos progridam mais rapidamente, que Deus

permite esta universal manifestação do Espírito, vindo explicar-vos o que vos parecia obscuro e vos ensinar toda a verdade. **Ele vem, como o Cristianismo bem compreendido, mostrar ao homem a absoluta necessidade de sua renovação interior pelas próprias consequências de cada um de seus atos, de cada um de seus pensamentos, porque nenhuma emanação fluídica, boa ou má, escapa do coração ou do cérebro do homem sem deixar uma impressão em algum lugar**. O mundo invisível que vos cerca é para vós *esse Livro de Vida* onde tudo se inscreve com uma incrível fidelidade, e a *Balança da Justiça divina* não é senão uma figura que revela cada um dos vossos atos, cada um dos vossos sentimentos. É, de certo modo, o peso que sobrecarrega a vossa alma e a impede de elevar-se, ou que traz o equilíbrio entre o bem e o mal.

Feliz aquele cujos sentimentos partem de um coração puro. Ele espalha em seu redor uma suave atmosfera que faz amar a virtude e atrai os bons Espíritos; seu poder de radiação é tanto maior quanto mais humilde for, e consequentemente mais desprendido das influências materiais que atraem a alma e a impedem de progredir.

As obrigações impostas pelo Espiritismo são, portanto, de uma natureza essencialmente moral, porque são uma consequência da crença; **cada um é juiz e parte em sua própria causa**; mas as claridades intelectuais que ele traz a quem realmente quer *conhecer-se a si mesmo* e trabalhar em seu melhoramento são tais que amedrontam os pusilânimes, e é por isso que ele é rejeitado por tantas pessoas. **Outros tratam de conciliar a reforma que sua razão lhes demonstra ser uma necessidade com as exigências da Sociedade atual. Daí uma mistura heterogênea, uma falta de unidade que faz da época atual um estado transitório**. É muito difícil para a vossa pobre natureza corporal despojar-se de suas imperfeições para revestir o homem novo, isto é, o homem que vive segundo os princípios de justiça e de harmonia desejados por Deus. Com esforços perseverantes, nada obstante, lá chegareis, porque as obrigações impostas à consciência, quando suficientemente esclarecida, têm mais força do que jamais terão as leis humanas baseadas no constrangimento de um obscurantismo religioso que não suporta exame. **Mas se, graças às luzes do alto, fordes mais instruídos e compreenderdes mais, também deveis ser mais tolerantes e não empregar, como meio de propagação, senão o raciocínio, porque toda crença sincera é respeitável**. Se vossa vida for um belo modelo em que cada um possa achar bons exemplos e sólidas virtudes, onde

a dignidade se alia a uma graciosa amenidade, rejubilai-vos, porque tereis compreendido, pelo menos em parte, a que obriga o Espiritismo.

LUÍS DE FRANÇA (São Luís)

==========

O problema da atual ideia da “reforma íntima” não é uma questão de palavras, mas isso ter se tornado ponto central, como se a missão do indivíduo fosse se melhorar, **somente**. A cada dia, está demonstrado que o verdadeiro espírita, porque entendeu a luz que se lhe abriu ante os horizontes espirituais, se melhora de forma humilde, auxiliando o seu próximo com a mesma humildade, não lhe fustigando a consciência a golpes de murros e facas. A verdadeira face do bem é a cooperação, e não a disputa. O mais elevado, serve.

Luís inicia o texto afirmando: o Espiritismo é uma ciência e, como tal, espalha claridades intelectuais. O Espiritismo serve ao conhecimento, que é peça necessária para o progresso do indivíduo. Mas não basta isso: é necessário o exemplo, e disso temos várias provas na humanidade, sendo o Cristo a mais expressiva delas. Ele, que veio lavar nossos pés, demonstrou: o mais elevado, serve, dando de si mesmo o exemplo abnegado.

Ao final, Luís destaca: se somos mais instruídos, é graças às “luzes do alto”, não porque não nos cabe o esforço pessoal, mas porque, sem a cooperação caridosa daquele que está mais alto, não aprenderíamos! Aliás, aquele que entra na falsa ideia e se isola pelo egoísmo e pelo orgulho, sai da possibilidade desse aprendizado, por algum tempo. Essa é a face mais verdadeira possível da Criação, conforme o Espiritismo demonstra! A disputa, a ideia de que o mundo seja dos mais espertos, o egoísmo, o orgulho, enfim, são todas falsas concepções, ligadas às falsas ideias humanas, que conduzem o ser aos abismos que os aprisionam e dos quais cabe apenas dele o esforço em escapar. Em absoluto, são ideias que **não representam** a verdade sobre a Criação ou as relações como Espíritos!

Essa é uma comunicação que deve ser lida, relida, discutida e, quem sabe, colocada à cabeceira.

A questão das escolhas

A vida é feita de escolhas. Às vezes, são escolhas lúcidas, isto é, sabemos bem que algo é correto ou não; outras vezes, são escolhas "ignorantes", isto é, não conhecemos o suficiente para supor os resultados. Destas, podemos colher erros ou acertos e, no caso de erro, não existe "pecado", pois o erro faz parte da evolução. Desde que não se apegue a ele, "está tudo certo". Basta seguir em frente e não repetir o erro. Não há condenação, nem houve propósito de mal.

A grande questão é quando a escolha por aquilo que é errado se dá de forma mais consciente — e aqui não considero uma plena consciência, porque, se ela existisse, não se faria a má escolha. O indivíduo, dotado de consciência e de inteligência, age em favor do apego àquilo que é errado ou que traz maus frutos. Sim, age envolto numa confusão de ideias, que nasceram em primeiro lugar do seu ímpeto de se satisfazer em algum aspecto — daí a assertividade em dizer que o egoísmo e o orgulho são as mães de todas as demais imperfeições — e, muitas vezes, nem pensa em fazer o mal, mas sim em satisfazer seus próprios desejos ou [falsas] necessidades. Esse é o ponto problemático das más escolhas, onde o próprio indivíduo se condena a um turbilhão de maus efeitos em que a causa é ele mesmo e ninguém mais, e onde se afasta do Bem, que é o caminho, para tomar um desvio que duras penas lhe custarão para retomar, pois requer o exercício do desapego.

Dito isto, muitos se perguntarão: em ambos os casos, mas especialmente no segundo, então, como errar menos? Como julgar melhor nossas próprias ações? Como evitar o erro pontual e como exercitar o desapego antes que certo hábito se torne uma terrível imperfeição?

Resumidamente, a resposta é uma pergunta retórica: por que você acha que os próprios Espíritos dos indivíduos antes encarnados — Espíritos sábios e Espíritos ignorantes; Espíritos bondosos e Espíritos maldosos; Espíritos felizes e Espíritos sofredores — dedicaram seu tempo para nos contar de suas próprias aventuranças? Por que você acha que um indivíduo de ciências, dedicado filósofo da educação e conhecedor de tantas outras ciências, tendo vislumbrado algo

nessas comunicações, dedicou, à exaustão, cerca de 14 anos de sua vida, de suas finanças, de suas alegrias, e de sua saúde em estudar e disseminar esse conhecimento, que formou o que conhecemos por Espiritismo ou Doutrina Espírita? POR QUÊ?

Quando a criança vê seu irmão sofrer uma queimadura por colocar a mão em brasa quente, muito provavelmente pensará duas vezes antes de fazer o mesmo. Imagine o que pode fazer um adulto, pleno de suas capacidades cerebrais, como esse conhecimento?! É, ainda assim, quantas pessoas, passando por anos e anos de sofrimentos tolamente cultivados, ESCOLHEM manter essas obras fechadas nas estantes, esquecidas em seus locais virtuais?

A passagem de Zaqueu, que, ao ver Jesus passar por sua porta, subiu em uma árvore para tentar vê-lo, sem se deixar ver interessado pelos cidadãos da cidade, pode ser a nossa mesma: basta ter interesse. A diferença é que nós não temos a necessidade de nos esconder de ninguém para ler um livro, a não ser quando **ESCOLHEMOS** nossa esconder de NÓS MESMOS, por um tolo medo de, vendo-se descoberto por si mesmo, ter que realizar o movimento de correção. Bem, a essa altura, se você agir assim, eu já posso lhe perguntar: por que é que você gosta tanto da infelicidade?

A salvação é o conhecimento. A cura é realizada por você mesmo. E tudo isso está tão perto quanto a sua vontade **QUEIRA**. Essa é a mensagem: para fazer melhores escolhas, você precisa **ENTENDER** como funciona a Lei.

Ótimos novos dias para você.

Nossa posição final sobre as adulterações nas obras de Kardec

Estamos aqui apenas para deixar registrada nossa posição final sobre o assunto das adulterações nas obras de Kardec, sobre o qual não mais se discute, a não ser ante a evidências inquestionáveis ou provas irrefutáveis, coisa que nem o "CSI do

Espiritismo" produziu. Apresentamos, sucintamente, os seguintes pontos:

1. A questão legal: **O Depósito Legal de A Gênese foi realizado apenas em 1872, cerca de três anos após a morte de Kardec**; o DL de O Céu e o Inferno, foi realizado cerca de três meses após sua morte. Isto já é fato legal suficiente para configurar crime a distribuição das obras alteradas, publicadas após o fatídico evento, e sobre isto não há discussão, nem, até hoje, nenhuma prova de que Kardec tenha realizado o processo legal, necessário para tal.
   Esse ponto é importante, porque, ainda que tudo o que esteja ali publicado seja mesmo da mão de Kardec — o que implicaria no fato de ele ter voltado atrás de suas palavras, removido princípios e formado obras desconexas em si e entre si — ainda que tudo o que está ali seja das mãos de Kardec, ainda assim não podemos ter nem sequer a certeza de que ele desejaria que tudo aquilo fosse publicado, pela mera dúvida possível de que aquelas edições poderiam não estar finalizadas. É isso o que garante o direito autoral.

   Mais que isso: legalmente, não importa se foram encontradas cartas (uma carta) em que Kardec mencionava a produção dessas novas edições. Se não houve o Depósito Legal da obra, pelas mãos de Allan Kardec, está configurado o crime contra a lei vigente à época e, do fato de o DL ser posterior à sua época, está configurado o crime contra o direito autoral.

2. Ainda que evidências apontem que Kardec estava finalizando ou mesmo que teria finalizado essas edições, nada prova que as edições impressas *não tenham sido adulteradas*. **Resta dúvida**, além do indiscutível fato legal.
3. Além disso, restam os fatos constatados pela razão, já discutidos aqui, aqui, aqui, aqui, aqui e aqui.

Portanto, repetindo sempre a nossa vontade de nos permanecer resguardado contra o erro, preferimos seguir o conselho de Erasto, **dispensando dez verdades para não ser possível ficar com uma só mentira, um só engano**. Há dúvida e, se há dúvida, a razão nos manda ficar com as obras originais, republicadas pela Editora FEAL, onde não apenas temos certeza de que todas as vírgulas vêm das mãos de Kardec, como também onde, pelo estudo, percebemos

que as conexões intrínsecas das obras em si e entre si estão intactas e atendem à razão.

Assim, declaramos encerrado o assunto, tornando essa decisão parte de nossos princípios, não fazendo dele palco de discussões vazias, até que provas irrecusáveis venham a ser apresentadas. Até lá, ficamos com o que a nossa razão nos manda, por nossa livre vontade, respeitando quem, pela sua razão, chegue a outra conclusão, por mais estranho que isso nos pareça.

O Grupo.

Nossa posição final sobre as colônias espirituais e o umbral

Este artigo é bem sucinto e serve apenas para destacar nossa posição final, como grupo, sobre a questão das colônias espirituais, sobre a qual muitos insistem em dedicar tempo precioso em debates sem fim. Sendo sucinto, não dedicaremos tempo em longas explicações ou citações de Kardec, posto que o que falamos, aqui, está baseado no Espiritismo, do ponto de vista científico — o que quase absolutamente se encerrou com a morte de Kardec. Assim, que cada um tome, ou não, a decisão de estudar e raciocinar.

Adianto que este artigo não é para aquele que acredita já saber de tudo e que prefere seguir o que os outros dizem, mas sim para aqueles que buscam raciocinarem por si mesmos, com base em conhecimento cientificamente produzido.

Os estudos de Allan Kardec

São fartas, nas obras do dedicado cientista, obtidas das comunicações dos Espíritos, passadas pelo método do duplo controle — generalidade dos ensinamentos, submetidos ao crivo da razão — as assertivas sobre a materialidade do mundo espiritual. **Não é demais asseverar que não foram**

ideias que nasceram de sua cabeça, mas muito pelo contrário: nasceram da observação dos próprios Espíritos, milhares deles, por milhares de médiuns, espalhados pelo mundo. Muitas vezes, os próprios Espíritos demonstraram o erro das hipóteses que Kardec considerava.

O Livro dos Espíritos dá o princípio geral, que se confirma na Revista Espírita e que se conclui em A Gênese, após mais de uma década de estudos. Resumimos:

1. O Espírito pouco evoluído não se desprende fácil das ideias da matéria. Muitas vezes, nem percebe que o corpo morreu. Como, pelo pensamento, é capaz de manipular a matéria fluídica, condensa, assim, sem nem o perceber, suas próprias criações, que, contudo, são efêmeras, isto é, passageiras, e que duram apenas enquanto seu pensamento esteja sobre elas.
2. Juntos, Espíritos afins criam verdadeiros cenários, ora mais alegres, ora verdadeiramente infernais.
3. Os cenários, individuais ou coletivos, refletem as crenças e os atavismos desses Espíritos, apegados às ideias materiais. É justamente por isso, o que é fácil perceber, que os Espíritos infelizes, através do tempo, transmitiram ideias que refletiram essas ideias: o inferno, o purgatório, o nada, os profundos vales, a caverna escura, etc. Por outro lado, é muito fácil perceber que os Espíritos mais felizes transmitem as ideias em sentido figurado, referindo-se ao sétimo céu, à cidade das flores, ao banquete espiritual, etc.
4. Os Espíritos infelizes externalizam suas dores morais e seus vícios, mas é justamente por não poder atender a esses últimos que sofrem, como um "castigo".

Até onde a Doutrina se desenvolveu como ciência, isso está bem estabelecido. Depois dela, nasceram e se fortaleceram ideias de um materialismo absoluto no mundo dos Espíritos, onde até banheiro se usa e sopa se come. Um mundo fantástico foi formado pelos espíritas e adeptos que, pouco afeitos ao estudo, se permitiram dominar pelas ideias fantásticas, narradas em romances mediúnicos, cuja culpa não é do médium, nem do Espírito, mas sim de quem não julgou tais comunicações, não questionou, como deve ser – afinal, não saímos por aí acreditando na palavra de qualquer um, não é?

Ideias nascidas de opiniões

Hoje, esse folclore está de tal forma estabelecido que muitos se perguntam até “onde ficam as 58 colônias espirituais no Brasil”. Até quantidade estabelecida já tem. “Para qual colônia espiritual eu vou?” é outra indagação frequentemente feita…

Perguntamos: por que é que os Espíritos superiores não trouxeram essa verdade justamente a Kardec, que poderia muito bem explorá-la cientificamente? O argumento de que “o entendimento na época não seria possível” é completamente falso e não se sustenta, pois, na época de Kardec, as cidades, o desenvolvimento científico e industrial, a inteligência, enfim, todo o desenvolvimento científico humano encontrava-se na sua mais alta luz. Por que não, então? Se Kardec abordou todo tipo de questão concernente ao mundo espiritual, repito: por que não? Se essa é uma verdade tão importante, já que estaria diretamente ligada ao nosso futuro próximo, após a morte, por que os Espíritos superiores não conduziram Espíritos nas mais diversas condições para tratar desse assunto, pela exploração científica, como fizeram com todos os outros assuntos? Por que conduziram aqueles que levaram, aliás, para o entendimento contrário, que conduz ao desapego a essa materialidade? Por quê?

Será que os apaixonados partidários dos sistemas nascidos desses romances nunca se fizeram essas perguntas? Será que a ausência dessas ideias sobre colônias espirituais e outras, no estudo científico de Kardec, se deve justamente ao fato de elas não refletem a verdade espiritual e só são transmitidas por Espíritos pouco desenvolvidos ou até por Espíritos mistificadores, que seriam prontamente vistos em erro, tal como acontece na Revista Espírita de julho de 1858 — O Falso Padre Ambrósio?

> *16. – Por que não sustentas a impostura em nossa presença?*
>
> *– Porque minha linguagem é uma pedra de toque, com a qual não vos podeis enganar.*

A Gênese, obra final, reunindo mais de 10 anos de estudos

Para não deixar de fora algumas conclusões muito importantes de Kardec, citaremos A Gênese, no cap. XIV — Os Fluidos:

> *Os Espíritos agem sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas com a ajuda do pensamento e da vontade, que são para o Espírito o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem no fluido essa ou aquela direção; eles os aglomeram, combinam ou dispersam e formam conjuntos com uma aparência, uma forma, uma cor determinada; mudam suas propriedades, como um químico muda as de um gás ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.*
>
> *Algumas vezes, essas transformações são o resultado de uma intenção, mas frequentemente são o produto de um pensamento inconsciente, pois basta o Espírito pensar numa coisa para que ela seja feita.*
>
> *É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta à vista de um encarnado, dotado da vista espiritual, sob a aparência que tinha quando estava vivo, na época em que o conheceu, embora já tenha tido várias outras encarnações. Ele se apresenta com as vestes, os sinais externos, enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. que tinha; um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não digo que tenham conservado tais aparências; não, certamente, porque, como Espírito, ele não é coxo nem maneta, nem caolho nem decapitado. Mas seu pensamento, se reportando à época em que era assim, seu perispírito toma instantaneamente essa aparência, a qual muda também instantaneamente. Se ele havia sido uma vez negro e outra vez branco, ele se apresentará como negro ou como branco, de acordo com qual das duas encarnações ele seja evocado e para onde vá seu pensamento.*
>
> *Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que estava habituado a utilizar. Um avaro manejará ouro; um militar terá suas armas e seu uniforme; um fumante, seu cachimbo; um trabalhador, sua charrua e seus bois; uma velha mulher, sua roca.*
>
> *Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito quanto seriam no estado*

material para o homem encarnado. Mas, pelo fato de serem criados pelo pensamento, sua existência é tão efêmera quanto ele((Veja sobre objetos fluídicos na Revista Espírita, julho de 1859, página 184. Livro dos Médiuns, 2a parte, cap. VIII. (Nota de Allan Kardec.))).

Vale a pena ler também o artigo da Revista Espírita, citado por Kardec na nota de rodapé. Leia com atenção. A pergunta n.º 22 e sua resposta resumem tudo:

22. – Compreendemos que nos dois casos citados pela Senhora R.., um dos Espíritos quisesse ter um cachimbo e o outro uma tabaqueira para impressionar a visão de uma pessoa viva. Pergunto, porém, se caso não tivesse chegado a fazê-la ver, poderia o Espírito pensar que tinha esses objetos, criando para si mesmo uma ilusão?

*– **Não, se ele tiver uma certa superioridade**, porque terá perfeita consciência de sua condição. **Já o mesmo não se dá com os Espíritos inferiores**.*

OBSERVAÇÃO: Esse era, por exemplo, o caso da rainha de Oude, cuja evocação consta do nosso número de março de 1858, que ainda se julgava coberta de diamantes.

Conclusão

Longe de nós endeusarmos a personalidade de Allan Kardec, como se ele não estivesse sujeito ao erro. Apenas nos perguntamos, uma vez mais: como é que, em mais de uma década de estudos, onde Kardec penetrou em tantas verdades sobre o mundo dos Espíritos, ele não chegou a essa verdade, defendida apaixonadamente por certas pessoas? Como, em contrário, ele foi conduzido, pelos Espíritos superiores, para o entendimento de que a materialidade do mundo espiritual está ligado à ignorância do Espírito e que, portanto, é efêmera, não sendo possível cogitar, dessa forma, de cidades espirituais, erguidas e comandadas por Espíritos elevados, feitas para *sustentar* as ideias materialistas e *atrasar* o seu desapego, as *cultivando*, pelo contrário? São perguntas que não podem ser respondidas pelos sistemas, mas que estão muito clara e pacificamente respondidas pela ciência espírita.

Sabemos de **tudo** sobre o mundo dos Espíritos? Não, longe disso. Mas, daí a sistematizar ideias que não passaram pelo método científico, vai um largo (e torto) passo. Não o daremos, pois preferimos ficar com o conselho de Erasto, asseverando que "**mais vale rejeitar dez verdades do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa**".

E, com isso, encerramos esse assunto, até que ele possa voltar ao campo científico, se necessário for, para ser continuado.

Deus não se vinga

O artigo presente, "Deus não se vinga", foi extraído textualmente de Revista espírita — Jornal de estudos psicológicos — 1865 > Maio > Dissertações espíritas.

I – As idéias preconcebidas

Nós vos temos dito muitas vezes que examineis as comunicações que vos são dadas, submetendo-as à análise da razão, e que não tomeis sem exame as inspirações que vêm agitar o vosso espírito, sob a influência de causas por vezes muito difíceis de constatar pelos encarnados, submetidos a distrações sem número.

As ideias puras que, por assim dizer, flutuam no espaço (segundo a ideia platônica), levadas pelos Espíritos, nem sempre podem alojar-se sós e isoladas no cérebro dos vossos médiuns. Muitas vezes elas encontram o lugar ocupado por ideias preconcebidas que se escoam com o jacto de inspiração, que o perturbam e o transformam de maneira inconsciente, é certo, mas algumas vezes de maneira bastante profunda para que a ideia espiritual seja, assim, inteiramente desnaturada.

A inspiração encerra dois elementos: o pensamento e o calor fluídico destinado a aquecer o espírito do médium, dando-lhe o que chamais a verve da composição. Se a inspiração encontrar o lugar ocupado por uma ideia preconcebida, da qual o

médium não pode ou não quer desligar-se, nosso pensamento fica sem intérprete, e o calor fluídico se gasta em aquecer um pensamento que não é o nosso. Quantas vezes, em vosso mundo egoísta e apaixonado, vimos trazer o calor e a ideia! Desdenhais a ideia, que vossa consciência deveria fazer-vos reconhecer, e vos apoderais do calor em proveito de vossas paixões terrestres, assim por vezes dilapidando o bem de Deus em proveito do mal. Assim, quantas contas terão que prestar um dia todos os advogados das causas perdidas!

Sem dúvida seria desejável que as boas inspirações pudessem dominar sempre as ideias preconcebidas, mas, então, nós entravaríamos o livre-arbítrio da vontade do homem, e este último escaparia, assim, à responsabilidade que lhe pertence. Mas se somos apenas os conselheiros auxiliares da Humanidade, quantas vezes nos temos que felicitar, quando nossa ideia, batendo à porta de uma consciência reta, triunfa da ideia preconcebida e modifica a convicção do inspirado! Contudo, não se deveria crer que nosso auxílio mal-empregado não traia um pouco o mau uso que dele podem fazer. A convicção sincera encontra acentos que, partidos do coração, chegam ao coração; a convicção simulada pode satisfazer a convicções apaixonadas, vibrando em uníssono com a primeira, mas carrega um frio particular, que deixa a consciência insatisfeita e denota uma origem duvidosa.

Quereis saber de onde vêm os dois elementos da inspiração medianímica? A resposta é fácil: a ideia vem do mundo extraterreno, é a inspiração própria do Espírito. Quanto ao calor fluídico da inspiração, nós o encontramos e o tomamos de vós mesmos; é a parte quintessenciada do fluido vital em emanação. Algumas vezes tomamo-la do próprio inspirado, quando este é dotado de um certo poder fluídico (ou medianímico, como dizeis); o mais das vezes nós o tomamos em seu ambiente, na emanação de benevolência de que ele está mais ou menos rodeado. É por isto que se pode dizer com razão que a simpatia torna eloquente.

Se refletirdes atentamente nestas causas, encontrareis a explicação de muitos fatos que a princípio causam admiração, mas dos quais cada um possui uma certa intuição. Só a ideia não bastaria ao homem, se não lhe dessem a força para exprimila. O calor é para a ideia o que o perispírito é para o Espírito, o que o vosso corpo é para a alma. Sem o corpo a alma seria impotente para agitar a matéria; sem o calor, ideia seria impotente para comover os corações.

A conclusão desta comunicação é que jamais deveis abdicar de vossa razão, no exame das inspirações que vos são submetidas. Quanto mais ideias adquiridas

tem o médium, mais é ele susceptível de ideias preconcebidas; também mais deve fazer tábula rasa de seus próprios pensamentos, depositar as influências que o agitam e dar à sua consciência a abnegação necessária a uma boa comunicação.

II – Deus não se vinga

O que precede é apenas um preâmbulo destinado a servir de introdução a outras ideias. Falei de ideias preconcebidas, mas há outras além das que vêm das inclinações do inspirado; há as que são consequência de uma instrução errônea, de uma interpretação acreditada num tempo mais ou menos longo, que tiveram sua razão de ser numa época em que a razão humana estava insuficientemente desenvolvida e que, passadas ao estado crônico, não podem ser modificadas senão por heróicos esforços, sobretudo quando têm por si a autoridade do ensino religioso e de livros reservados. Uma destas ideias é esta: *Deus se vinga.* Que um homem, ferido em seu orgulho, em sua pessoa ou em seus interesses se vingue, isto se concebe. Essa vingança, embora culposa, está dentro dos limites das imperfeições humanas, mas um pai que se vinga em seus filhos levanta a indignação geral, porque cada um sente que um pai, com a tarefa de formar os seus filhos, pode redirecionálos nos seus erros e corrigir seus defeitos por todos os meios ao seu alcance, mas que a vingança lhe é interdita, sob pena de tornar-se estranho a todos os direitos da paternidade.

Sob o nome de vindita pública, a Sociedade que está desaparecendo vingava-se dos culpados; a punição infligida, muitas vezes cruel, era a vingança que ela tomava do homem perverso. Ela não tinha a menor preocupação com a reabilitação desse homem e deixava a Deus o cuidado de puni-lo ou de perdoá-lo. Bastava-lhe ferir pelo terror, que julgava salutar, os futuros culpados. A Sociedade que vêm não mais pensa assim; se ela ainda não age em vista da emenda do culpado, ao menos compreende o que a vingança encerra de odioso por si mesma; salvaguardar a Sociedade contra os ataque de um criminoso lhe basta, auxiliada pelo medo de um erro judiciário. Em breve a pena capital desaparecerá dos vossos códigos.

Se hoje a Sociedade se sente grande demais diante de um culpado, para se deixar ir à cólera e dele vingar-se, como quereis que Deus, participando de vossas fraquezas, se tome de um sentimento irascível e fira por vingança um pecador chamado ao arrependimento? Crer na cólera de Deus é um orgulho da

Humanidade, que imagina ter um grande peso na balança divina. Se a planta do vosso jardim vem mal, se se desvia, ireis encolerizar-vos e vos vingar dela? Não; endireitá-la-eis, se puderdes, dar-lhe-eis um apoio, forçareis, por entraves, as suas más tendências, se necessário a transplantareis, mas não vos vingareis. Assim faz Deus.

Deus vingar-se, que blasfêmia! Que diminuição da grandeza divina! Que ignorância da distância infinita que separa a criação de sua criatura! Que esquecimento de sua bondade e de sua justiça!

Deus viria, numa existência em que não vos resta nenhuma lembrança de vossos erros passados, fazer-vos pagar caro pelas faltas que podeis ter cometido numa época apagada em vosso ser! Não, não! Deus não age assim. Ele entrava o impulso de uma paixão funesta, corrige o orgulho inato por uma humildade forçada, endireita o egoísmo do passado pela urgência de uma necessidade presente que leva a desejar a existência de um sentimento que o homem não conheceu nem experimentou. Como pai, ele corrige, mas, também como pai, Deus não se vinga.

Guardai-vos dessas ideias preconcebidas de vingança celeste, restos dispersos de um erro antigo. Guardai-vos dessas tendências fatalistas, cuja porta está aberta para vossas doutrinas novas, e que vos conduziriam diretamente ao quietismo oriental. A parte de liberdade do homem já não é bastante grande para apequená-la ainda mais por crenças errôneas. Quanto mais sentirdes vossa liberdade, sem dúvida maior será a vossa responsabilidade, e tanto mais os esforços de vossa vontade vos conduzirão à frente, na via do progresso.

Pascal

O Movimento Espírita Brasileiro

está ruindo

Olhe para os centros espíritas: a cada dia mais vazios. Eu mesmo poderia citar aqui, agora, ao menos uma dezena de centros espíritas que se encontram cada dia mais vazios, lutando para manterem suas portas abertas, e você com certeza conhece outros assim. Aqueles que se encontram mais cheios, na maioria, tendem ao misticismo, que agrada à curiosidade.

Cada vez que entra uma mãe que perdeu um filho, em busca de consolação, e recebe uma resposta errada, uma suposta psicografia genérica ou mesmo ouve o pensamento de que ele passou o que passou por estar resgatando dívidas passadas; cada vez que uma pessoa ouve que seus conflitos familiares devem ser suportados com resignação, pois se trata de um resgate coletivo; cada vez que uma pessoa ouve que, se não frequentar o centro, não vai melhorar; cada vez, enfim, que o MEB reforça ao público geral a erradíssima ideia de que as pessoas que morreram em um desastre foram "soldados nazistas na vida anterior, que queimavam judeus", o MEB perde, para o descrédito, pessoas que poderiam ser reconduzidas à fé e à esperança pela razão.

Não só: o MEB também perde ao tratar da caridade pelo viés puramente material. Entrega-se uma sacola de mantimentos, muitas vezes sob uma linda faixa onde lê-se "Distribuição dos Pobres", ou algo assim, e diz-se "adeus, até o próximo mês". Basta que essa pessoa encontre uma distribuição de alimentos mais próxima ao seu lar, e ela prontamente deixa de "visitar" o centro espírita. O espírita perde valiosas oportunidades de acolher uma pessoa e realmente consolá-la, *porque não sabe como fazê-lo*, pois não conhece, de fato, o Espiritismo.

De forma alguma acuso quem quer que seja por agir assim de caso pensado. Não. Na maioria das vezes, a ação é feita na mais boa-vontade, acreditando que se faz o bem. Contudo, se dos nossos antepassados poderíamos dizer que a ausência de conhecimento se deu por incapacidade, mesmo, de acesso ao conhecimento, hoje não mais podemos nos desculpar sobre isso, pois toda a obra de Kardec está a cerca de dois cliques de nosso alcance.

Kardec, na Revista Espírita de 1864, assim se expressa (grifos meus):

> *Não há centro espírita onde não haja encontrado um número mais ou menos grande desses pioneiros da obra, desses arroteadores do terreno, desses*

lutadores infatigáveis que, sustentados por uma fé sincera e esclarecida, pela consciência de cumprir um dever, não desanimam ante nenhuma dificuldade, considerando seu devotamento como uma dívida de reconhecimento pelos benefícios morais que receberam do Espiritismo. Não é justo que os nomes daqueles, dos quais a Doutrina se honra, estejam perdidos para nossos descendentes e que um dia se possa inscrevê-los no panteão espírita?

Infelizmente, ao lado deles, às vezes, se encontram as crianças terríveis da causa, os impacientes que, ***não calculando a importância de suas palavras e de seus atos, podem comprometê-la; aqueles que, por um zelo irrefletido, idéias intempestivas e prematuras, fornecem, sem o querer, armas aos nossos adversários****. Depois vêm aqueles que, não tomando do Espiritismo senão a superfície, sem dele serem tocados no coração, dão,* ***por seu próprio exemplo****, uma* ***falsa opinião de seus resultados e de suas tendências morais****.*

Aí está, sem contradita, o maior escolho que encontram os sinceros propagadores da Doutrina, porque, freqüentemente, vêem a obra que penosamente esboçaram, desfeita por aqueles mesmos que deveriam secundá-los. ***É um fato constatado que o Espiritismo é mais entravado por aqueles que o compreendem mal do que por aqueles que não o compreendem de todo, e mesmo por seus inimigos declarados****; e há a anotar-se que aqueles que o compreendem mal, geralmente, têm a pretensão de compreendê-lo melhor do que os outros; não é raro ver noviços pretenderem, ao cabo de alguns meses, ser superiores àqueles que tiveram para eles a experiência adquirida por estudos sérios. Essa pretensão, que trai o orgulho, é ela mesma uma prova da ignorância dos verdadeiros princípios da Doutrina.*

KARDEC, Allan. O Espiritismo é uma Ciência Positiva. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos, Paris, v. 7, n. 11, nov. 1864. Disponível em: https://kardecpedia.com.br/pt/roteiro-de-estudos/898/revista-espirita-jornal-de-estudos-psicologicos-1864/5679/novembro/o-espiritismo-e-uma-ciencia-positiva. Acesso em: 28 abr. 2023.

Na Viagem Espírita de 1862, expressa o seguinte (grifos meus):

É preciso que se saiba que o Espiritismo sério se faz patrono, com alegria e apressuramento, de toda obra realizada com critério, qualquer que seja o país

> *de onde provém, mas que, igualmente,* ***repudia todas as publicações excêntricas. Todos os espíritas que, de coração, vigiam para que a doutrina não seja comprometida, devem, pois, sem hesitação, denunciá-las****, tanto mais porque, se algumas delas são produtos da boa-fé, outras constituem trabalho dos próprios inimigos do Espiritismo, que visam desacreditá-lo e poder motivar acusações contra ele. Eis porque, repito, é necessário que saibamos distinguir aquilo que é doutrina espírita aceita daquilo que ela repudia.*
>
> *KARDEC, Allan. Viagem Espírita em 1862. Tradução de Wallace Leal V. Rodrigues. 4. ed. São Paulo: EDICEL, 2010.*

Tenhamos o cuidado, porém, de não gastar tempo em embates desnecessários e em nos prendermos ao ataque a certas figuras, o que seria um erro, pois não podemos julgar seus intuitos. Devemos, sim, agir quando oportuno. Esclarecer, sempre que pudermos, sobre uma ideia errada; alertar sobre um princípio que vá contra a doutrina; mas, sobretudo, buscarmos nós mesmos o conhecimento fundamental, construído através dos anos, que nos permita fazer a nossa parte, da forma mais correta e completa possível, isto é, para que, lentamente, o erro nascido da opinião e da incompreensão ceda lugar àquilo que a Doutrina nos fornece. Se, nesse processo, encontrarmos os indivíduos ou os grupos que decididamente resistam ao conhecimento, deixemo-los à própria sorte, porque o tempo, o infalível tempo, se encarregará de esclarecê-los. Ideias erradas isoladas e definharão, quando a opinião da maioria estiver sustentada pelos fatos e pelo conhecimento.

“Não deem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos; caso contrário, estes as pisarão e, aqueles, voltando-se contra vocês, os despedaçarão”. O espírita **ativo**, ao não estudar, joga pérolas aos porcos.

A joia cristalina, ofuscada pelo descuido

Ao iniciante espírita, disse assim uma colega:

– Comece pelas obras do Kardec. Depois Chico Xavier com André Luiz! Os livros do Luiz Sérgio também possuem grandes informações do mundo espiritual.

Ao que respondo:

– Se o "comece por Kardec" for realizado com um estudo sério, por anos a fio, passando inclusive pela Revista Espírita, ótimo, pois assim o indivíduo poderá entender e identificar os erros trazidos nas comunicações isoladas, a ponto de, por exemplo, compreender que Vale dos Suicidas, umbral e a Nosso Lar não passam de uma ilusão ou de uma criação de Espíritos em perturbação. Também poderá verificar que, apesar de muitos acertos, a obra de André Luiz tem erros, e que o livro Brasil, Coração do Mundo foi ditado por um ou mais Espíritos com a clara intenção de causar dano à Doutrina.

Como é muito difícil que o neófito espírita tome esse caminho compenetrado de estudos, eu, hoje, me abstenho totalmente de indicar qualquer coisa fora da "codificação", preferindo recomendar que NÃO sejam lidas, senão depois do processo mencionado.

A Doutrina tem sofrido muito pela falta de empenho e de cuidado daqueles que dizem professa-la, de forma que, hoje, algo que antes era uma ciência, fácil de ser compreendida por aquele de boa vontade, tornou-se uma joia recoberta de inúmeras camadas de carvão e rochas, representadas pelo misticismo e pelos erros de opiniões, que precisam ser removidas para uma mera aceitação de se dedicar a estudá-la.

Desculpe, mas é isso. Tínhamos uma joia dilapidada, mas, por falta de cuidado e empenho, escolhemos recobri-la novamente, a ponto de quase não se enxergar mais seu brilho.

A prezada colega replica:

– Entendo sua opinião, mas tenho estudado muito essas obras e o que vejo é que

uma obra prova a veracidade de outras! Mas sei que tem uma legião de espíritos inferiores influenciando e tentando acabar com a religião! Quando digo, Kardec, falo no Pentateuco!

Ao que respondo:

– Cuidado, pois a concordância dos Espíritos não é o único fator para construir a Doutrina. Muitos Espíritos podem passar a partilhar de uma mesma ideia errada, quando estão ainda na faixa de apego à matéria. Além disso, temos o problema das ideias fixadas paulatinamente no meio espírita e nos médiuns, que passam a traduzir as ideias do Espírito conforme as suas próprias.

Também não estamos falando de religião, mas de ciência espírita. Por isso a necessidade de cuidado, **que não parte de uma opinião minha**, mas dos fatos exaustivamente demonstrados por Kardec.

Revista Espírita, prezada amiga: lá está a compreensão da formação da Doutrina, dos passos tomados por Kardec, de suas observações sobre a psicologia dos Espíritos… Inclusive, lá ele conta que recebia milhares de comunicações espirituais, das quais, analisadas frente ao Espiritismo, poucas dezenas ou centenas eram aproveitáveis.

Essa ciência é seríssima, pois detém a chave para o avanço moral da humanidade. Atualmente, essa chave está bem enferrujada, por descuido.

E eu te provo esse ponto, em Kardec. Hoje a noite estudaremos a evocação do Espírito de Humboldt, apresentada na RE de junho de 1859. Em certa altura, temos o seguinte:

39. — A Geologia achará um dia os traços materiais da existência do homem na Terra antes do período adâmico?

— A Geologia, não; o bom-senso, sim.

Esse Espírito, que foi um explorador, um cientista, não tinha informações ainda de que existiam os fósseis humanos datados de milhões de anos. Isso porque o Espírito não ganha sabedoria e conhecimento não adquiridos previamente, simplesmente por desencarnar. Assim, se suas palavras fossem levadas como regra, estaríamos, hoje, negando a existência desses fósseis.

E esse Espírito era até que bem esclarecido, humilde e em paz consigo mesmo. Imagine se ele estivesse em estado de perturbação, apegado a certas imperfeições e atavismos. Imagine o tipo de ideia e de ilusão ele poderia dizer. Imagine, enfim, pelo meio de que palavras o faria.

Espiritismo não se constrói sem metodologia racional de investigação. Esse é o problema que sempre temos alertado, relembrando o que Kardec demonstrou *na prática*.

Kardec não imaginou, não supôs, não pressupôs, não buscou opiniões sobre a forma como agiam os Espíritos e os cuidados que seriam necessários na comunicação com eles. Não: ele aprendeu **na prática**, e deixou esse aprendizado registrado para todos que queiram aprender, na Revista Espírita, de 1858 a 1869.

Kardec nem sequer supunha a existência de Espíritos após a morte do corpo. Foi a investigação dos fatos, que ele relutou em fazer, que o levou a essa constatação. Como, então, sondar algo que não se pode ver nem ouvir diretamente? Através da metodologia. Foi através da investigação cuidadosa que Kardec verificou que a reencarnação, cuja ideia ele relutou em aceitar, era um princípio fundamental, e foi através da mesma investigação que ele **constatou** que o Espírito que deixa a matéria não ganha sabedoria e conhecimento que não possuía. Repito: **constatou**.

Constatou, da mesma forma, que os Espíritos podem mentir, podem falar do que acham que sabem, sem realmente saberem, podem falar de suas ilusões que os perturbam, podem falar do que realmente sabem, por mais limitado que seja, e podem falar, quando são realmente superiores, de uma sabedoria superior, o que se atesta pela concordância, pela lógica e pela razão.

O Movimento Espírita está **ruindo** e, nesse processo, causando grande entrave na propagação do Espiritismo, justamente por não observar esse ponto mais que fundamental da **psicologia espírita**! É todo um prédio construído sobre pilares apoiados na argila, que, enquanto racha e afunda, compromete o solo abaixo.

Cada um tem a liberdade, garantida por Deus, de acreditar e concluir conforme a razão lhe convenha, ou mesmo conforme os apegos que escolhe cultivar. Contudo, ao dar compartilhar informações erradas sobre algo tão sério, torna-se

responsável pelo efeito de suas ações, sobretudo quando o não conhecer deve-se a uma resistência em estudar e se flagrar errado.

É passada a hora de mudar essa mentalidade estagnada, mesquinha e egoísta. Queremos fazer o bem? Então, se temos, ao nosso alcance, a oportunidade de conhecer, conheçamos, porque, se podemos nos desculpar, ante nossa própria consciência, por produzir o mal por impossibilidade de acesso ao conhecimento, já não podemos fazer o mesmo quando esse conhecimento é constantemente apresentado em nosso caminho e, muitas vezes por vaidade e orgulho, **escolhemos** não conhecer, para continuar falando com base em nossas próprias opiniões.

Monólogos e Diálogos

Psicografia recebida:

> *Socorro! Necessito de ajuda! As trevas me consomem. Tirei minha própria vida e, agora, sinto-me perseguido por aqueles que me acusam de pecador. Meu pescoço dói muito e minha mente não consegue sair daquela cena fatídica, quando saltei da banqueta, em meio ao jardim, com uma corda no pescoço. Sofro muito! Sinto agora muita falta de ar... Estou no fundo do abismo! Será que nada fará parar essa dor? Padeço no inferno. Ajuda, ajuda...*

Ante a isso, os ouvintes logo associaram a fala do Espírito com a ideia do Vale dos Suicidas e saíram a contar, por todo canto, sobre essa terrível comunicação de um Espírito que veio confirmar esse triste destino para aqueles que tiram a própria vida. Os dirigentes do grupo colocaram o nome desse Espírito em preces, esperando que possam auxiliá-lo, de alguma forma.

A mesma comunicação, em outro grupo espírita, dá lugar ao que segue:

> *Tomamos a decisão de evocar esse Espírito, a fim de nos esclarecermos sobre*

seu estado e, quem sabe, auxiliá-lo em alguma compreensão. Utilizamos, para isso, o método de Kardec, baseados no conhecimento haurido na Doutrina Espírita.

Evocação:

P. Ao Espírito-guia do grupo: seria proveitoso evocar o Espírito de Dimas, que se comunicou conosco no dia tal?

R. Sim, ele poderá oferecer uma boa oportunidade de aprendizado, que há de ser salutar para ele também.

[Ao Espírito de Dimas]

P: Gostaríamos de entender um pouco melhor sua situação, se lhe for possível descrevê-la.

R: Sofro, sofro muito... O inferno está ao meu redor... Me falta o ar...

P: Poderia nos dizer o porque de estar nessa situação?

R: Sou castigado pelo pecado de me tirar a própria vida.

P: Diz sofrer dores, mas como pode, se já não tem o corpo?

R: Não sei dizer, apenas sei que sinto o sofrimento vir do fundo de minha alma.

P: Arrepende-se do que fez?

R: Muito, o tempo todo! É um sofrimento incessante... Meus filhos me acusam e deploram a tragédia que impus sobre eles.

P: Poderia explicar o porquê de ter se imposto esse final trágico?

R: Eu sofria em vida, sofria por ter traído a confiança dos meus. A vergonha me avassalava a mente e eu não mais podia conviver com isso.

P: E sentiu algum alívio após o ato?

R: Não, tudo aumentou, aumentou muito! As cenas vexatórias me perseguem, e agora este inferno que me dilacera sem cessar...

P: Acaso já refletiu o motivo de seu erro primeiro, esse que te causa motivos de vexame?

R: Não... Espera... Eu era muito impulsivo. Não soube controlar os ímpetos materiais e me lancei aos braços de outra... Destruí meu lar! Oh! Não quero mais falar sobre isso.

P: De sua posição consegue avaliar melhor nossos intuitos?

R: Um pouco. Seu Espírito-guia me auxilia. Percebo que não vocês não têm curiosidade vazia e que são benevolentes.

P: Talvez pense um pouco demais de nós. De qualquer forma, não é nosso intuito julgá-lo, pois temos nossos próprios erros a lamentar.

R: Sim, entendo isso. Sinto-me mais confortável.

P: Perguntávamos sobre sua reflexão sobre o erro que te persegue. Perdoe-nos por tocar ainda nesse ponto, mas você por acaso o fez por vontade, isto é, de caso pensado?

R: Não... Não exatamente. Eu era fraco. Não refleti e me deixei levar pelos prazeres da matéria. Oh!, que vergonha!

P: Não cometeu de caso pensado. Se tivesse mais controle e mais conhecimento, pensa que teria resistido a esse erro e, depois, ao erro fatídico?

R: Muito provavelmente, mas é difícil dizer do que não conquistei.

P: Queremos dizer que, no fundo, nos parece que você cometeu ambos os erros por ausência de maior conhecimento e progresso, e não por mal.

R: Sim. Minha última vida foi muito voltada ao aspecto material, que era minha única preocupação. Não me dediquei a qualquer desenvolvimento espiritual, nem muito menos conhecia esse tal Espiritismo do qual se ocupam... Eu não quis fazer mal, apenas fui ignorante.

P: Não pensa, portanto, que esse sofrimento seja criado por você mesmo, que se persegue por remorso.

R: Sim, é possível...

P: Você disse que se arrepende, não é?

R: Sim, eu gostaria de não ter tomado as atitudes que tomei, mas me faltaram as forças...

P: Temos certeza que, com a ajuda dos bons Espíritos, você poderá encontrar novas forças e uma nova compreensão para, no futuro, escolher uma nova vida, onde poderá se dedicar a trabalhar sobre aquilo que te levou ao erro. Deus não é vingativo, e a punição é simplesmente o reflexo de nossas próprias ações.

R: Começo a perceber algo novo. Esperança, talvez.

P: Vê alguma modificação em seu estado?

R: Ainda é muito cedo para dizer, mas sinto algo diferente. Com a ajuda do seu Espírito-guia, entendo um pouco melhor o que me falou.

P: Ficamos muito felizes em poder partilhar daquilo que nos reconforta e nos reconduz ao bem. Diga-nos apenas mais uma coisa: aquela imagem descrita no início, quando disse estar no fundo do abismo, no inferno... Você se referia a uma paisagem real?

R: Não em todo. Usei de linguagem figurada, embora a descrição do inferno, para mim, fosse muito autêntica para o que vivo. Percebo agora que é tudo efeito da minha situação moral.

P: Então não era uma situação material.

R: Seu Espírito-guia me auxilia. Não em tudo, isto é, não era uma situação material como a que vocês imaginam, mas, dado que o Espírito materializa o que pensa, através do Fluido Cósmico Universal, pode moldar realidades perturbadoras, enquanto acreditar nelas.

P: Não desejamos mais importuná-lo com nossas perguntas.

R: Longe disto. Me ajudaram muito e, quem sabe, possam ter aprendido um pouco com minha infeliz história. Orem por mim, pois meu caminho de correção apenas começou.

P: Estará em nossas preces. Reconheça em nós amigos sinceros que se encontram no mesmo caminho evolutivo, tentando, acertando e errando. O

importante é continuar.

Prezado leitor: as duas situações são hipotéticas e foram apenas criadas para demonstrar as formas de agir de cada grupo, sendo a primeira de um grupo que se guia por aquilo que tem dito o Movimento Espírita, e a segunda de um grupo muito bem compenetrado do estudo da Doutrina Espírita, sobre as obras de Kardec.

Qual foi o grupo que fez o bem com mais profundidade? Onde houve uma situação de real aprendizado para ambos os lados? Será que o médium que serviu a essa comunicação terminou passando mal, como dizem, ou, **pelo fato de estar servindo ao bem**, terminou como todos os médiuns que Kardec utilizada — apenas, talvez, fatigado pelo exercício físico? Será que devemos tomar como regras, frases descontextualizadas ou ausentes de conhecimentos? Você já viu que Kardec conversava com os Espíritos como se estivesse falando com uma pessoa qualquer, sem cerimônias, sem rituais, sem orações rebuscadas, com palavras enfeitadas de um amor que nem sequer se compreende? Por que tratamos os Espíritos como se fôssemos mudos? Por que não conversamos com eles? Por que, enfim, não estudamos, quando estamos envolvidos numa ciência tão profunda como é o Espiritismo?

Aos estudos. O bem nos aguarda!

E essa resistência, como anda?

Sim, eu sei: ler romances e histórias sobre lugares fantásticos é muito gostoso e ativa a imaginação. Mas será que a ausência dos estudos de Kardec, preferindo os romances, não se deve também a uma resistência de sua parte, ligada, quem sabe, a uma pontinha de orgulho em imaginar que detém a verdade?

CSI do Espiritismo: o órgão oficial da Verdade

CSI do Espiritismo, de Carlos Seth, tornou-se órgão oficial da Verdade.

por Paulo Degering R. Junior

Ao contrário de respeitar a lei mundial, no que tange ao direito moral do autor e que classifica, peremptoriamente, sob ponto de vista jurídico, a quarta edição de O Céu e o Inferno e a quinta edição de A Gênese como **adulterações fácticas**, **indiscutíveis**, o grupo conhecido como CSI do Espiritismo, através de uma argumentação repleta de furos e falta de lógica, dando palavras finais sobre o assunto e **atropelando** o ordenamento jurídico, diz que não houve adulterações.

Lá, no CSI do Espiritismo, de Carlos Seth, Adair Ribeiro e Luciana Farias, não se discute mais sobre o assunto. Apesar de o registro legal da publicação da quinta edição de A Gênese datar apenas de 1872, como eles encontraram um (só um) suposto exemplar dessa edição, mas com a data de 1869, numa biblioteca da Suíça (não da França, mas da Suíça), logo ligaram esse exemplar perdido ao fato de Kardec ter declarado estar preparando uma nova versão — como se isso pudesse ser utilizado como prova de conclusão e de correspondência. E, no balaio, junto vai a afirmação de que a grotesca — e evidente — adulteração de O Céu e o Inferno não existiu!

A lógica da Verdade absoluta (CSI do Espiritismo) é esta: se Kardec declarou estar preparando uma nova edição de A Gênese e se um exemplar, datado de 1869, com alterações no mínimo estranhas, foi encontrado (na Suíça), então é evidente que ele só pode ter sido publicado pelas mãos de Kardec (apesar dos problemas, logo na capa), e mente quem disser o contrário!

É claro que aqui existe um detalhe: o fato de que, tendo o Depósito Legal da 5.ª edição sido realizado apenas em 1872, quase três anos após a morte de Kardec, isso, *per se*, classifica uma questão legal importante — a de que **qualquer**

alteração realizada após a morte de um autor implica em adulteração. Mas é claro que o Ministério da Verdade tem a resposta: o exemplar único, sabe-se lá por que, esquecido numa biblioteca suíça (e não francesa) é a prova cabal contra a questão jurídica (não é)!

Tem também o fato de a esposa de Kardec ter assinado a ata de 1873 (se não me engano) onde estaria dando ciência da publicação daquela edição… Mas que essa senhora de mais de 70 anos, em luto, tenha sido afastada de suas funções, por Leymarie, como demonstra Simoni Privato, e que essa edição não tenha sido publicada na França, nos primeiros anos, *é claro que não vem ao caso*. Parece-nos que foi tudo pensado para que essa adulteração não ficasse em evidência no território francês.

Seria lógico, para um pensador incauto, imaginar que o fato de não ser possível encontrar, na França, exemplares dessa nova edição, "Revisada, Corrigida e Aumentada", deva-se ao fato de que, na França, isso poderia ser considerado uma contravenção — já que ela não tinha depósito legal — mas não para quem aceita a Verdade Inquestionável.

Como eles encontraram diversas evidências de que Kardec, antes de morrer, havia encomendado uma nova edição de A Gênese; como encontraram evidências de que essa nova edição havia começado a ser impressa; como eles verificaram que a própria viúva de Kardec, três anos depois, assinou um documento dando ciência sobre a distribuição dessa nova edição, eles concluíram, é claro, que seria absolutamente impossível que alguém tomasse os tipos móveis, após a morte de Kardec, e produzisse uma segunda versão, apresentando cada uma conforme conveniência, ou que tivessem dado sumiço na versão alterada por Kardec, ficando apenas com uma versão adulterada. Não, nada disso pode ter acontecido, segundo o CSI do Espiritismo.

Evidências, agora, são suporte para dar a palavra final sobre algo que não pode ser provado — e que eles afirmam que não pode ser provado. O que precisamos entender e aceitar, "de nosso lado", é que Kardec ficou — ele que me perdoe — gagá, nos seus últimos anos! Que, apesar de ter realizado obras tão profundas e sábias, em termos científicos e filosóficos — O Céu e o Inferno e A Gênese — pouco após isso, deve ter tido algum tipo de síncope que o deixou lesado, a ponto de ir contra a direção dos Espíritos, que diziam que a obra estava ótima e que NADA deveria ser removido.

> *“Minha opinião é que não há absolutamente nada de doutrina a ser retirado; tudo aí é útil e satisfatório sob todos os aspectos”*
>
> *[…]*
>
> *“É necessário deixar intactas todas as teorias que aparecem pela primeira vez aos olhos do público”.*
>
> *No caso, além da demonstração jurídica da adulteração de A Gênese, também esta comunicação reforça o fato em razão das alterações doutrinárias identificadas na obra, com a supressão de diversos trechos em que Kardec critica a moral heterônoma do fanatismo religioso, dentre outras manipulações.*
>
> *Ainda nesta comunicação, o espírito sugeriu também que ele trabalhasse sem pressa e sem dedicar muito tempo:*
>
> *“Sobretudo, não se apresse demais. (…) Comece a trabalhar imediatamente, mas não de forma exagerada. Não se apresse”.*
>
> *AUTONOMIA. NCNI – Conselhos sobre A Gênese. Disponível em: https://espirito.org.br/autonomia/ncni-conselhos-sobre-a-genese/. Acesso em: 24 abr. 2023.*

Kardec não só removeu pontos importantíssimos das obras, como o prefácio da nova edição de OCI (afinal, quem é que precisa de um prefácio explicando o caráter da obra e a propriedade que ela tem, como resultado do estudo da ciência espírita?), como fez um verdadeiro Frankenstein de AG, trocando ideias fundamentais antes declaradas e fazendo até mesmo referências a postulados que haveria de remover na nova edição de OCI. Logo ele, que, com uma habilidade assustadora, era capaz de conduzir uma linha de pensamentos perfeitamente encadeada entre vários números da Revista Espírita! Removeu um capítulo de OCI e transformou em lei do pós-morte aquilo que outrora dizia não ser possível tomar como lei — sem dar nenhuma explicação sobre isso!

Coitado do Kardec, deve ter soltado um parafuso de tanto falar com Espíritos. Segundo essa linha de pensamentos — a da Verdade Inquestionável — ele, por pouco, poderia ter se tornado um novo discípulo de Roustaing, tanto é que, segundo o Ministério da Verdade, devemos aceitar como fruto da mão de Kardec a inserção, no Cap. VII, item 10 do “Código Penal de Vida Futura” (sic), a ideia de

que **todas** as vicissitudes que sofremos seriam expiações! Logo tu, Kardec, que sempre afirmou, consonante com os Espíritos, que a encarnação não é um castigo e que mesmo o Espírito que sempre escolheu o bem, ainda assim, precisa encarnar e passar por vicissitudes! Queria muito que **C**arlos **S**eth **I**nvestiga explicasse essa completa incongruência… Mas não precisa: devemos aceitar suas verdades sem questionar.

Pior: além de gagá, Kardec ficou **MEDROSO**. Ora, é a única coisa que podemos depreender da inquestionável verdade do CSI do Espiritismo, já que fez, n'A Gênese, pesadas assertivas sobre os adversários do Espiritismo, para depois removê-las na nova edição:

> *Dizer que a humanidade está madura para a regeneração não significa que todos os indivíduos estejam no mesmo degrau, mas muitos têm, por intuição, o germe das ideias novas que as circunstâncias farão desabrochar. Então, eles se mostrarão mais avançados do que se possa supor e seguirão com empenho a iniciativa da maioria.* ***Há, entretanto, os que são essencialmente refratários a essas ideias, mesmo entre os mais inteligentes, e que certamente não as aceitarão, pelo menos nesta existência; em alguns casos, de boa-fé, por convicção; outros por interesse****. São aqueles cujos interesses materiais estão ligados à atual conjuntura e que não estão adiantados o suficiente para deles abrir mão, pois o bem geral importa menos que seu bem pessoal — ficam apreensivos ao menor movimento reformador. A verdade é para eles uma questão secundária, ou, melhor dizendo, a verdade para certas pessoas está inteiramente naquilo que não lhes causa nenhum transtorno.* ***Todas as ideias progressivas são, de seu ponto de vista, ideias subversivas e, por isso, dedicam a elas um ódio implacável e lhe fazem uma guerra obstinada. São inteligentes o suficiente para ver no Espiritismo um auxiliar das ideias progressistas e dos elementos da transformação que temem e, por não se sentirem à sua altura, eles se esforçam por destruí-lo****. Caso o julgassem sem valor e sem importância, não se preocupariam com ele. Nós já o dissemos em outro lugar: "Quanto mais uma ideia é grandiosa, mais encontra adversários, e pode-se medir sua importância pela violência dos ataques dos quais seja objeto".*
>
> *KARDEC, Allan. A GÊNESE, 4.ª EDIÇÃO — EDITORA FEAL*

Vai ver Kardec recebeu alguma carta ameaçadora — mais ameaçadora que as dezenas que deveria receber com ameaças. Ou então Kardec notou, enfim, seu erro em julgar que o Espiritismo fosse assim tão potente a ponto de despertar esse ódio implacável ao qual se referiu.

Bem, além de aceitarmos a Verdade Inquestionável do CSI do Espiritismo, aprendendo a deixar de lado esse negócio de "razão", precisamos também aprender a enterrar certos autores, que nem sequer são citados pelo órgão representativo da verdade divina na Terra. Podemos até mesmo criticá-los, como fez Carlos Seth, mas não podemos, de forma alguma, utilizar seus vastos trabalhos de anos de pesquisa sobre Magnetismo, Espiritualismo Racional e Espiritismo. Jamais! Ao criticá-los, não devemos nem sequer citar nomes – vai que as pessoas despertem o interesse em ler as insanidades que diz esse tal "Paulo Henrique de Figueiredo". Afinal, esse autor tem a ousadia de questionar o Ministério da Verdade, utilizando essa tal da "razão" e, afirmando que não consegue ver um Kardec tresloucado, diz que encontrou a plena concordância das ideias tratadas nas obras e na Revista Espírita com as primeiras edições dessas obras — edições essas que também não devem ser citadas.

Passemos uma régua por cima de todo esse imbróglio, e não mais falemos sobre isso. As evidências do "outro lado", esse que "acredita" numa adulteração, devem ser sumariamente esquecidas, junto aos seus autores. Diferentemente do que dizia Kardec — que não podemos dar palavra final sobre aquilo que não pode ser provado — nós devemos aceitar a palavra final do CSI do Espiritismo. Desde que as evidências por eles encontradas tornaram-se expressão final da verdade inquestionável, todos — repito: **todos** — os argumentos do "outro lado" tornam-se automaticamente nulos! Aquele "caminhão" de argumentos trazidos por Simoni Privato em "O Legado de Allan Kardec"? N-U-L-O, pois diz **C**arlos **S**eth **I**nvestiga: "Nós demonstramos com FATOS que TODAS as evidências utilizadas para provar que "A Gênese" poderia ter sido adulterada NÃO se sustentaram". Há quem discorde.

Ah, o FATO de Leymarie ter adulterado uma comunicação espiritual, em Obras Póstumas, removendo justamente o trecho em que o Espírito recomendava que Kardec não retirasse nenhuma ideia na nova edição de A Gênese também foi prontamente anulado pelas evidências do órgão da Verdade Inquestionável.

Também não devemos nem sequer trazer à tona esses argumentos contrários,

pois **do que é que vale, contra algumas evidências materiais, uma enorme quantidade de argumentos lógicos e o fato de que o registro, após a morte do autor, de uma edição alterada, configura adulteração?** ? Absolutamente nada!

É claro que isso traz um "pequeno" problema, já que o Espiritismo não pode ser provado senão por meio da racionalidade, mas não devemos temer: o Ministério da Verdade com certeza terá uma solução para isso. Assim que o Espiritismo estiver um tanto mais minado pela desconfiança colocada sobre Kardec (quem, lembre-se, só pode ter ficado gagá) e pela descoberta de "fofocas da época", obtidas mediante opiniões dos médiuns dissidentes, encontradas em documentos antigos, poderemos, quem sabe, passar um rodo sobre o Espiritismo "de Kardec" e fundar uma nova era de estudos **históricos** (não doutrinários, não morais, mas históricos, que é só o que importa para a Verdade Absoluta).

Mas não é tudo: devemos, além de declarar a nulidade de qualquer argumento em contrário, sem apresentá-los ao público, combater também qualquer ideia que venha da direção contrária, criticando obras sem nenhuma necessidade de compromisso científico. Se cometermos falácias, não tem problema. Afinal, estaremos combatendo a mentira e, para isso, devemos usar todas as armas.

Diz Carlos Seth, do CSI do Espiritismo:

> *Em meados de 1890 houve a consolidação da divisão entre o **Espiritismo consolador e o Espiritismo científico**, conforme já apontou o colega John Monroe.*
>
> *A história se repetiu entre 2016 e 2020 agora no campo da moral, com o lançamento de livros que procuraram trazer pensamentos de Kant, Maine de Biran e Victor Cousin para dentro do Espiritismo, mesmo que para isso precisassem deturpar as ideias de Allan Kardec.*
>
> *BASTOS, Carlos Seth. Bônus adicional – O final. Espíritos sob investigação. Disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/L193.pdf>. Acesso em: 15/04/2023.*

Sem sombra de dúvidas, Seth não leu absolutamente nada do que esse povo doido está falando por aí sobre o Espiritualismo Racional, nem leu a Revista Espírita,

que é onde está firmada a **base científica do Espiritismo**, que ele parece criticar. Justamente na Revista Espírita, onde Kardec parece ter "perdido a cabeça", ao afirmar o Espiritismo sendo um **desenvolvimento** do Espiritualismo Racional! Interessante é que a leitura (e o cuidado em não criticar o que não se conhece) faz se tornar evidente que o Espiritualismo Racional deu base ao Espiritismo, havendo um grande intercâmbio entre essas duas ciências, sendo que o Espiritismo vem dar a chave para aquilo que o Espiritualismo Racional não tinha como responder. Mas é aí que mora o problema: esse assunto é tratado por um autor cujo nome o Ministério da Verdade (CSI do Espiritismo) não permite nem sequer que seja citado — esse tal "Figueiredo". Cito até a obra: "Autonomia: a história jamais contada do Espiritismo". Mas, por favor, **não leiam esse livro**, repleto de sandices! Devemos apenas colocá-la na sombra da inexistência, junto ao seu autor que, segundo o Ministério, está causando uma divisão no Espiritismo, "agora no campo moral"!

Se a Verdade Inquestionável age assim, é porque tem um motivo muito sério: é que esse autor pode dar aval às subversivas ideias da adulteração. Mostrando suas intenções malévolas e colocando seus livros no esquecimento, com algumas inofensivas e nada levianas afirmações falaciosas, age a Verdade em nome do Bem. Essas ideias de autonomia e Espiritualismo Racional — "racional" — se são tratadas por esse autor, ou são fruto de erro, ou devem apenas ser esquecidas, a fim de que, repetimos, não levem as pessoas a lerem as obras proibidas.

Preste muita atenção: a controvérsia sobre a adulteração das obras O Céu e o Inferno e A Gênese se mostrou inexistente! Sim, porque, para nós que aceitamos a Verdade Inquestionável do CSI do Espiritismo, o outro lado nem sequer existe! Como aceitamos evidências como provas (embora ciência seja sobre teorias, e não provas) e fazemos uma inferência que para muitos pode parecer forçada — mas o Ministério da Verdade afirma que não é — todo o restante torna-se automaticamente **nulo**. Apaguemos também a história, que nem sequer devemos citar. Sobre os autores que corroborem essa ideia de um complô ao redor de Kardec, não podemos fazer nada mais do que mostrá-los como são — impulsivos e levianos, embora tenham se dedicado a longos anos de pesquisas — para que, enfim, possamos guiar as pessoas pelo caminho correto — o da Verdade Inquestionável — não pela razão, mas pela coerção, já que a maioria é incapaz de pensar por si própria. Aquela história de deixar ao tempo e ao público julgar o que é correto — essas ideias malucas de Kardec — caem por terra, pois temos

evidências que podem ser tomadas como provas cabais, segundo nossas teorias.

Aqueles, enfim, que não aceitam a Verdade Inquestionável, devemos tratá-los como são: resistentes e de mente fechada, que não aceitam as evidências que lhes apontamos. Preferem acreditar que Kardec jamais poderia ter realizado tais alterações, pois, dizem eles, não são racionais nem condizem com o método que ele teria utilizado por anos, nem muito menos com o restante da obra. Balela! Declaremos guerra a essas ideias sem nenhum nexo e proibamos, o quanto possível, que sejam sequer suscitadas, pois causam um mal gigantesco ao atiçarem, no povo, essa vontade absurda de pensar pela razão — tão absurda que não aceitam as evidências históricas como fato irrefutável da não adulteração. Aliás, devemos nomeá-los como tal: **negacionistas**, de modo que sejam desmoralizados onde quer que falem e não despertem a curiosidade de ninguém.

Ficam, assim, definidos alguns passos a serem seguidos para o restabelecimento da Verdade, segundo o CSI do Espiritismo:

- Utilizar todo espaço possível, nas redes sociais e nos canais do Youtube, para afirmar que todos os argumentos contrários foram vencidos, **sem nenhuma intenção de diálogo**.
- Escrever documentos e artigos mostrando uma série de evidências materiais que corroboram a tese, digo, a *prova evidencial* da Verdade — novamente, sem cogitar de apresentar argumentos contrários.
- Escrever artigos que desmereçam autores e ideias em contraste à posição do Ministério do CSI do Espiritismo, sem se aventurar a conhecê-los, o que é óbvio, e sem nenhuma preocupação em cometer falácias. Lembre-se: tudo pelo Bem!
- Criar espaços para estudos. Do Espiritismo? Não. De seu contexto científico? Muito menos! Para estudar as cartas antigas e investigar quem foram os médiuns que Kardec insistentemente dizia que não deviam ser colocados em relevância.
- Ante qualquer discussão sobre a forma de ação do Ministério da Verdade, conduzir rápida e habilmente o assunto para a questão da adulteração, onde temos o total controle, já que o outro lado, já desmoralizado pelo enquadramento no negacionismo, não poderá sustentar fiabilidade ante o público.

Dizem eles que manchamos a imagem de Kardec e o próprio Espiritismo ao agir assim. Ora, a busca é pela Verdade, e tudo aquilo que sustente aquilo que temos como certeza, desde o início, deve ser exaltado, doa a quem doer. Mas chega desse assunto, pois não o discutiremos mais, agora que estamos de posse da Verdade Inquestionável do CSI do Espiritismo.

Explicações

Prezado leitor,

É claro que, se você estuda Kardec e nos acompanha, notou que o texto é apenas uma crítica, em tom de sátira, ao comportamento absurdo adotado por algumas pessoas que decidiram tomar, para elas, a verdade, deixando fatos importantes de lado. Sinto por ter te feito ler tudo isso. De nossa parte, não desejamos impor a nossa verdade ou as nossas conclusões. Deixamos a cada um a liberdade de julgar por si mesmo, de posse de evidências e fazendo uso da própria razão. O que nos entristece é que muitos, deixando-se conduzir, abstraem-se totalmente de conhecer obras como as de Paulo Henrique de Figueiredo e de Simoni Privato, que têm trazido uma contribuição ímpar para a compreensão do Espiritismo.

Qual é o cerne da questão, enfim? É que **a 5.ª edição, com alterações, tem depósito legal realizado apenas em 1872. Isso, legalmente, configura adulteração**. O restante, as evidências encontradas pelo "CSI do Espiritismo", apontam apenas para o fato de que Kardec preparava uma nova versão, **mas não prova que essa versão chegou a ser impressa**. Constituem inferências forçadas todos os esforços no sentido de apontar que aquele único exemplar encontrado na Suíça corresponde a essa nova edição, apenas porque corresponde ao exemplar referente ao depósito legal de 1872, da 5.ª edição, feito por Leymarie. Esse é o ponto.

O que temos por segurança, **sem nenhuma sombra de dúvida**: Kardec realizou uma edição de A Gênese, da qual encomendou quatro **reimpressões**, sendo que cada uma delas configurava uma nova edição, embora iguais à primeira. A prova disso está no fato de ele não ter realizado depósito legal para as demais edições.

Também é um fato que Kardec preparava uma nova edição dessa obra e de O Céu e o Inferno. Mas não existe prova que de ele as concluiu, sendo outra inferência forçada afirmar que o pedido de **reimpressão** de dois mil exemplares de A Gênese, feito em fevereiro de 1869, refira-se à impressão dessa nova edição. Pode ser que sim, pode ser que não. Se sim, pode ser que essa edição tenha sido destruída, para, então, alguém realizar uma adulteração. Para o argumento sobre o tempo hábil para fazê-lo, basta lembrar que, naquele tempo, as pessoas tinham muito mais tempo que nós temos hoje e que, além disso, não existe prova de que a versão adulterada não tenha sido impressa apenas mais tarde; para o argumento da necessidade de convencimento do impressor, basta supor que seria necessário apenas dizer, por exemplo, que foi um pedido de Kardec, feito pouco antes de morrer, e que, não sendo aquilo uma edição final, mas apenas uma edição para avaliação e correções, não seria necessário o depósito legal (o que é um fato).

Um ponto importante, aliás: qual é o sentido de Kardec mudar o título de sua obra (A Gênese), inserindo o subtítulo "revisada, corrigida e aumentada", se nunca fez isso antes, para nenhuma das outras obras? A meu ver, mais parece algo feito, por um adulterador, no sentido de reforçar que aquela edição seria uma importante "alteração".

A comunicação espiritual, onde o Espírito afirma, através do médium Sr. M. Desliens, que Kardec não deveria remover nada, mas apenas condensar aquilo que possivelmente tenha ficado claro em outros pontos (que você pode conferir aqui), foi **adulterada** por P. G. Leymarie, quando foi incluída com cortes e alterações em Obras póstumas, organizada por ele, e publicada em 1890: segunda parte, capítulo: "A minha iniciação no Espiritismo", item: "Minha nova obra sobre A Gênese" (onde "Minha" seria uma referência a Kardec, falando de si mesmo).

Ora, por que essa sanha de Leymarie em dar suporte, por intermédio de uma flagrante adulteração, à ideia de que a 5.ª edição de A Gênese foi produzida por Kardec?

Enfim, deixemos cada um a seu tempo e as suas escolhas, mas não nos ausentemos de apresentar a real proposta da ciência espírita, totalmente autônoma e libertadora e, conforme concluímos, muito afastada dos conceitos transformados em "Código Penal da Vida Futura", naquilo que, para nós, somente pode ser configurado como uma adulteração.

Fato é que Carlos Seth, na busca por tudo o que possa suportar sua ideia, tem distorcido, ele mesmo, ideias e palavras, utilizando de falácias e argumentos lógicos, algumas vezes inválidos, para forçar conclusões. Foi leviano e deselegante ao afirmar, com grande desconhecimento, que "certo autor" estaria provocando uma divisão no Espiritismo, "agora no campo moral", ao trazer, para dentro da Doutrina, o Espiritualismo Racional (já tratamos disso no artigo Espiritualismo Racional e Espiritismo – uma nova divisão no meio Espírita?) e é igualmente deselegante ao utilizar seus meios de comunicação para denegrir aqueles que, pela razão e pelos fatos, concluem diferentemente dele, imputando a eles os termos "negacionistas".

Ademais, apresentamos um argumento final: o próprio Carlos Seth afirma que não tem prova de que as obras não foram adulteradas. Resta, portanto, espaço para alguma dúvida e, assim sendo, não seria muito mais prudente ficar com a primeira edição dessas obras, de quando Kardec era vivo, onde temos a total confiança de que tudo, absolutamente tudo o que existe ali, foi produzido por suas mãos? Isso, é claro, sem tratarmos as outras edições como inexistentes, pois elas servem, a nosso ver, justamente para demonstrar o tom das alterações e o que foi que elas removeram ou inseriram no pensamento de Kardec.

Deixamos ao leitor a reflexão.